

Um casal de hô, hô, hô

JORNAL DO BRASIL

22 DEZ 2016

P 111



José Sarney,

ex-presidente da República, é senador e integrante da Academia Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

QUEM DIZ QUE ACREDITA em Papai Noel não é bobo, como muitas vezes se diz de uma pessoa assim. Eu sempre soube que ele

existia, desde menino, quando me deu presentes sem eu pedir.

Já dos meus filhos eu exigia que fizessem carta a ele, recomendando modéstia, tendo na memória os versos de Miguel Gustavo: "O papai tá tão contente / e o dinheiro do presente / de onde é que sai? / É do papai, é sempre o papai".

Uns dizem que ele é São Nicolau, que foi bispo na Turquia em 280, que jogava presentes aos pobres. Eu não. É Papai Noel mesmo, velho forte, sem hipertensão, incontinência urinária nem diabetes, que anda pra burro carregando aquele saco e enchendo o saco de quem não gosta dele. Outro dia um desses difamadores de botequim veio com uma história de tentar desmoralizá-lo dizendo que a sua roupa vermelha foi tira-

da de um anúncio de Coca-Cola no começo do século 20. É ofensa demais para esse velho que trabalha duro em dezembro sem receber o 13º salário.

Mas eu tenho uma história que durante muito tempo tive vergo-

Hoje tenho coragem de contar o mico tão caipira de um casal maranhense em Nova York

ra para um casal tão metropolitano do Maranhão.

Eu não sabia que Papai Noel nos Estados Unidos era chamado da Santa Claus, assim como em Portugal, Pai Natal. Fomos, Marly e eu, ao Central Park. Era uma fila imensa, um caminho com imitação de neve, renas e pontes abauladas atravessando riachinhos. Nós não perguntamos nada. Com tanta gente na fila devia ser o

ra para um casal tão metropolitano do Maranhão.

Em 1961, estávamos, eu e ela, no Natal, em Nova York, nossa primeira viagem ao exterior. A cidade ainda guardava o charme da Belle Époque, e enfeitava-se toda para o Natal. Tudo luzes e cores, árvores de Natal em toda parte e as vitrines das lojas, cada uma mais criativa que a outra, com motivos natalinos, presépios turbinados e filas para vê-las.

Eu não sabia que Papai Noel nos Estados Unidos era chamado da Santa Claus, assim como em Portugal, Pai Natal. Fomos, Marly e eu, ao Central Park. Era uma fila imensa, um caminho com imitação de neve, renas e pontes abauladas atravessando riachinhos. Nós não perguntamos nada. Com tanta gente na fila devia ser o

máximo. Pensei num presépio gigante, mecanismo de águas e cachoeiras e o Menino Jesus mais belo do mundo. Entramos na fila, levamos duas horas para chegar a uma cabana iluminada na floresta. Entramos, empurrando gente para todo lado. Nos preparamos para ver o fantástico. Ali estava: numa cadeira-trono, Papai Noel cercado de crianças. Ao ver aquele casal sem meninos, aspecto latino, todo metido em agasalhos – frio danado – foi nos saudando: "Hô, hô, hô... Where are you from?" "From Brazil". Fez uma pose especial. O fotógrafo, ligeiro, bateu nossa fotografia ao lado de Santa Claus, nosso conhecido Noel.

Dois dólares, duas horas numa fila e dois bobos encabulados! E até hoje estamos rindo do nosso mico.